

## Recensão

CAMPBELL, Lyle & POSER, William J. 2008.  
*Language Classification. History and Method.*  
Cambridge: Cambridge University Press. 536 p.

Beatriz Carretta Corrêa da Silva<sup>1</sup>

Como se pode demonstrar o relacionamento genético das línguas? Essa é a questão central que o livro de Lyle Campbell – professor e Diretor do Centro de Línguas Ameríndias da Universidade de Utah – e William Poser – da Universidade de British Columbia, Canadá – tenta responder. Mas não de maneira superficial. Na busca de uma resposta que satisfaça as exigências metodológicas da linguística histórica contemporânea e que esclareça os processos da classificação linguística, os autores dissecam os métodos, as técnicas e os procedimentos da linguística histórico-comparativa.

Com grande erudição e aprofundamento, Campbell e Poser percorrem a história da linguística comparativa desde as primeiras tentativas de classificação linguística, no século XVI, até os estudos atuais, fazendo uma exegese das ideias e das práticas dos primeiros estudiosos, com ênfase nos métodos e nos procedimentos utilizados por cada autor. O livro, no entanto, não é uma mera historiografia, nem pretende ser uma espécie de estado da arte da linguística histórica contemporânea. Pelo contrário, os autores voltam-se às experiências do passado para trazer à tona ensinamentos para o futuro.

O livro divide-se em treze capítulos, e, sem temer saciar o leitor logo de saída, o capítulo introdutório já especifica com clareza a intenção dos autores: assentar firmemente em bases sólidas a metodologia de pesquisa de possíveis casos de relacionamento genético distante. Para tanto, analisam as mais diversas propostas de relacionamentos distantes entre línguas e estabelecem um instigante diálogo com a obra de Joseph Greenberg como um todo e com os adeptos de relações genéticas distantes, posicionando-se, os autores, uma vez mais, como elementos de peso na acirrada discussão que vem desenvolvendo-se na linguística histórico-comparativa nas últimas duas

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística, Laboratório de Línguas Indígenas – LALI, Universidade de Brasília.

décadas, colocando em campos opostos Geneticistas e Difusionistas, para utilizar os termos de Ruhlen (1994: 113).

De acordo com Ruhlen (1994: 123), o dado mais importante de Greenberg para a fundamentação do Ameríndio são os pronomes pessoais *n-* ‘1’ e *m-* ‘2’ característicos das mais diversas línguas indígenas do Canadá à Terra do Fogo, um problema intrigante para os Difusionistas, que o consideram um “pan-americanismo”. Embora exista um debate quanto à pertinência do uso de pronomes para embasar propostas de relacionamentos genéticos (capítulo sete), com inúmeros casos de empréstimo de pronomes relatados por diversos autores, bem como de reorganização analógica, Ruhlen (*op.cit.*) ironiza a proposta de Bright<sup>2</sup> (1984: 25 *apud* Ruhlen 1994: 123) de que os “pan-americanismos” ter-se-iam originado antes que os povoadores da América tivessem cruzado o Estreito de Bering, sugerindo a necessidade de um controlador de tráfego que impedisse a passagem de “pan-americanismos” que não fossem adequados para o Novo Mundo.

Contudo, e apesar da atualidade e relevância do princípio, reiterado pelos autores, de uso exclusivo de evidências linguísticas nos estudos histórico-comparativos, outras ciências podem eventualmente informar a pesquisa linguística e, neste caso, talvez surpreendentemente é a própria genética que pode oferecer sustentação à hipótese de Bright (*op.cit.*). Em estudo recente, Tamm *et al.* (2007) encontraram evidências, também corroboradas por datações arqueológicas na Beríngia, de que as populações portadoras dos haplogrupos fundadores principais mantiveram-se isoladas na Beríngia tempo suficiente (cerca de 15 mil anos) para desenvolver mutações específicas do Novo Mundo e que uma onda migratória rápida e intensa teria tido início há cerca de 15 mil anos. O estudo revela ainda trocas genéticas decorrentes de uma migração de retorno à Sibéria e a expansão de uma linhagem para o nordeste da América em data bastante posterior ao início do povoamento da América.

Ironias à parte, é conveniente ressaltar que, tenha ou não a Beríngia atuado efetivamente como um controlador de tráfego que permitiu a passagem dos pan-americanismos – e dos haplogrupos – apropriados para o Novo Mundo, a hipótese de uma única população fundadora e, portanto, uma única língua fundadora é plausível. O fato é que a linguística histórica não tem como comprovar essa hipótese – e assumi-la *a priori* como tese subverte a lógica

---

2 BRIGHT, William (ed.). 1984. *American Indian Linguistics and Literature*. Berlin: Mouton de Gruyter.

da pesquisa e inviabiliza a própria disciplina. De resto, as demais ciências históricas tampouco possuem evidências para comprová-la. Conforme asseveram Campbell e Poser (capítulo dez, p. 328), “o problema geral quando se trata de pré-história é que se está completamente à mercê das evidências disponíveis”.

De outra parte, talvez o principal problema em utilizar evidências não linguísticas na pesquisa histórico-comparativa é como correlacionar os diferentes modelos propostos pelas diversas ciências, muitas vezes antagônicos entre si, com os dados linguísticos.

Dessa forma, embora os estudos genéticos apontem na direção de uma única onda migratória para o povoamento do Novo Mundo, estudos de morfologia craniana demonstram a existência de populações ameríndias sul e mesoamericanas mais antigas com afinidades morfológicas com populações australo-melanésias, sugerindo um modelo bipartite de povoamento (Neves & Hubbe 2008); ao passo que estudos arqueológicos (cf. Guidon 2008) sugerem uma ocupação humana no nordeste brasileiro de até 50 mil anos, provavelmente proveniente da África (Watanabe *et al.* 2008) e datações recentes em sítios arqueológicos no México indicam uma idade de 25 a 30 mil anos (Gonzalez e Huddart 2008). Vale lembrar que, de todas essas ciências, a arqueologia é a única que possibilita datações absolutas.

Em essência, a importância do princípio de uso exclusivo de evidências linguísticas na pesquisa comparativa, defendido por Campbell e Poser, assenta-se justamente sobre a validade (ou não) de modelos linguísticos como propostas alternativas, que permitam formular hipóteses sobre a história e a pré-história das línguas e dos povos que as falam.

Nesse sentido, talvez a principal qualidade do livro em questão seja o fato de ser um verdadeiro manifesto metodológico. Insistindo na importância da utilização de métodos linguísticos rigorosos, os capítulos quatro e cinco discutem em profundidade o método histórico-comparativo, mostrando como foi-se dando o refinamento metodológico que levou gradativamente à compreensão das relações genéticas entre as línguas indo-europeias e ao estabelecimento dos três critérios fundamentais da classificação genética: vocabulário básico, correspondência sonora e correspondência gramatical (morfológica). Também nas pesquisas fora do âmbito indo-europeu, no estudo das famílias urálica, semítica, dravidiana e sino-tibetana, entre outras analisadas no capítulo seis, métodos sólidos de comparação foram utilizados para estabelecer relações genéticas entre as línguas. Não é surpreendente

que a África seja a região mais controversa no que diz respeito aos métodos; depois de cerca de dois séculos de tradição tipológica na classificação das línguas africanas, Greenberg parece ter resolvido a questão com seu método de comparação multilateral ou em massa, baseado na comparação lexical superficial.

É interessante notar que uma espécie de comparação multilateral – i.e. a busca de semelhanças lexicais sem considerar as correspondências fonológicas sistemáticas – é utilizada em alguma medida na fase inicial de qualquer estudo comparativo, com o intuito de identificar as línguas ou famílias que podem ter alguma relação genética antes de iniciar-se o estudo histórico-comparativo propriamente dito. Contudo, como afirmam Kessler & Lehtonen (2006: 15), ainda que a comparação sinóptica de muitas línguas possa evidenciar afinidades não discerníveis no estudo de pares de línguas, faz-se necessária a introdução de técnicas mais rigorosas de comparação, não utilizadas pelos multilateralistas em geral.

Outros métodos, que se propõem alcançar uma profundidade temporal maior em relação aos limitados 6 a 8 mil anos geralmente aceitos para o método histórico-comparativo, são também apresentados e discutidos com certa profundidade, em especial o método proposto por Johanna Nichols e o modelo de equilíbrio pontuado de Dixon (capítulo dez), bem como a hipótese de viés econômico de risco ecológico de Nettle e o modelo de dispersão linguística/agricultura proposto por Renfrew (capítulo onze). Naturalmente, o método de comparação multilateral ou em massa, proposto por Greenberg, também é avaliado e discutido ao longo de todo o livro, mas especialmente nos capítulos sete e nove.

No que diz respeito às propostas de relacionamento genético entre as línguas indígenas americanas, os autores restringem-se às principais famílias norte e mesoamericanas, cujas classificações foram de extrema importância para demonstrar o potencial do método histórico-comparativo também para o estudo de línguas ágrafas. A grande ausência do livro, contudo, são as línguas sul-americanas, que deixam um vazio difícil de explicar, dados a relevância de algumas famílias, com ampla distribuição pelo subcontinente – como Quéchua, Chibcha, Karíb e Tupí – e o estágio atual de desenvolvimento dos estudos comparativos ao sul do continente.

Apesar de os estudos classificatórios sul-americanos que fazem uso do método histórico-comparativo e consideram exclusivamente critérios linguísticos serem bastante recentes, no mínimo teria sido instigante para os

pesquisadores deste subcontinente – frequentemente recriminados pela falta de estudos linguísticos – ver registrada, pelo menos, a região amazônica, não pela incomparável complexidade linguística, mas pelo avanço notável nos estudos comparativos desde a metade do século XX, levando, mais recentemente, a propostas consistentes de relações genéticas distantes.

Convém mencionar aqui a proposta Tupí-Karíb-Macro-Jê, por tratar-se da proposta de relacionamento genético com maior profundidade temporal envolvendo as línguas brasileiras<sup>3</sup> com base no método histórico-comparativo.<sup>4</sup>

As evidências lexicais de um possível relacionamento genético entre o tronco Tupí e a família Karíb foram apontadas primeiramente por de Goeje (1909: 1-2) e o estudo sistemático de correspondências fonológicas e morfológicas, servindo-se do método histórico-comparativo, foi empreendido por Rodrigues (1985), sugerindo um relacionamento genético entre esses dois grandes grupos linguísticos. Esse estudo, apresentado originalmente em forma de comunicação em Los Angeles em 1978 e republicado em versão brasileira em 2003, poderia ter servido a Campbell e Poser como um exemplo do uso criterioso das evidências lexicais, fazendo rigorosa distinção entre possíveis empréstimos lexicais, notadamente entre Tupí-Guaraní e Karíb, e cognatos ligados por correspondências fonológicas regulares, às quais foram acrescentados, ademais, traços estruturais fonológicos e morfossintáticos correspondentes nas duas grandes famílias linguísticas. Estudos posteriores baseados exclusivamente em critérios gramaticais – Gildea (1994) analisou o prefixo nominalizador de objeto e Derbyshire (1994) avaliou processos de nominalização e subordinação – corroboraram a hipótese de relacionamento genético Tupí-Karíb.

É interessante salientar, ainda, que o estudo de Rodrigues (1985) apontou também para a possibilidade de um relacionamento genético ainda mais distante entre Tupí, Karíb e Macro-Jê, hipótese discutida em detalhe em

---

3 A linguística histórica nacional, naturalmente, não se restringe a uma única proposta. Diversos pesquisadores têm-se dedicado ao estudo histórico das línguas indígenas brasileiras, embora nem todos utilizem o método histórico-comparativo, e com o maior conhecimento das diversas línguas e famílias das terras baixas sul-americanas o avanço registrado na pesquisa é notável. Atualmente, o Museu Paraense E. Goeldi abriga o projeto “Tupí Comparativo”, o Laboratório de Línguas Indígenas, UnB, desenvolve o projeto “Estudo Comparativo e Reconstrutivo do Proto-Tupí”, outros pesquisadores não vinculados a instituições nacionais, mas atuando na pesquisa histórica são Wolf Dietrich, tronco Tupí, Sérgio Meira, família Karíb, Eduardo Ribeiro, tronco Macro-Jê.

4 A proposta de J. Greenberg (1960 e trabalhos seguintes) de um agrupamento Jê-Pano-Karíb baseia-se no método de comparação multilateral ou em massa.

trabalhos posteriores (Rodrigues 1990, 2000, 2007) e avaliada positivamente por estudos genéticos independentes (Salzano *et al.* 2005).

Infelizmente, os autores perderam uma oportunidade de exemplificar o uso consistente do método histórico-comparativo, com base no vocabulário básico, correspondências sonoras e gramaticais aliado ao controle lexical estrito no que se refere a empréstimos, correspondência de significado e deslocamentos semânticos, em línguas ágrafas e, portanto, supostamente problemáticas para o método, e com as universalmente reconhecidas carências de dados – gramáticas e descrições linguísticas – para configurar uma proposta de relacionamento genético distante na “região linguística menos conhecida e menos compreendida do mundo” (Dixon e Aikhenvald 1999: 1). Claro está que esta lacuna não afeta a importância metodológica do excelente livro de Campbell e Poser, mas não nos é possível deixar de registrá-la.

## Referências

- De Goeje, Claudius H. 1909. Études Linguistiques Caraïbes. *Verhandlingen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam, Afdeelling Letterkunde, nieuwe reeks, deel IL, 2: 1-274.*
- Derbyshire, Desmond C. 1994. Clause Subordination and Nominalization in Tupí-Guaranian and Cariban Languages. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 8: 179-199.
- Dixon, Robert M.W. e Aikhenvald, Alexandra Y. 1999. Introduction. In: Robert M. W. Dixon e Alexandra Y. Aikhenvald (Eds.), *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-22.
- Gonzalez, Silvia & Huddart, David. 2008. The Late Pleistocene Human Occupation of Mexico. *FUMDHAMentos*, 7: 237-259. São Raimundo Nonato (PI): FMHA.
- Guidon, Niède. 2008. Pedra Furada: uma revisão. *FUMDHAMentos*, 7: 379-403. São Raimundo Nonato (PI): FMHA.
- Gildea, Spike. 1994. The Proto-Cariban and Tupí-Guarani Object Nominalizing Prefix. *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 8: 163-177.
- Kessler, Brett & Lehtonen, Annukka. 2006. Multilateral Comparison and Significance Testing of the Indo-Uralic Question. In: Forster, Peter & Colin Renfrew (eds.), *Phylogenetic Methods and the Prehistory of Languages*. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, p. 33-42. (prepublication draft)

- Neves, Walter & Hubbe, Mark. 2008. Paleoamerican Morphology's dispersion in the New World and its implications for the settlement of the Americas. *FUMDHAMentos*, 7: 205-224. São Raimundo Nonato (PI): FMHA.
- Rodrigues, Aryon D. 1985. Evidence for Tupí-Cariban Relationships. In: H. Klein & L. Stark (eds.), *South American Indian languages: Retrospect and Prospect*. Austin: University of Texas Press, pp. 371-404.
- Rodrigues, Aryon D. 1990. Grammatical Affinities among Tupí, Karíb and Macro-Jê. UnB. (ms).
- Rodrigues, Aryon D. 2000. "Ge-Pano-Carib" x "Jê-Tupí-Karíb": sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en Sudamérica. *Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica* (Luis Miranda, ed.), tomo I, Lima, Universidad Ricardo Palma.
- Rodrigues, Aryon D. 2007. Linguística Comparativa e Pré-História dos Povos Indígenas Sul-Americanos: a hipótese Tupí-Karíb e as relações genéticas entre Tupí, Karíb e Macro-Jê. In: Silva, T.C. e Mello, H. (orgs.), *Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística*. Belo Horizonte: FALE?UFMG. p. 165-176.
- Ruhlen, Merrit. 1994. Is Algonquian Amerind? In: Ruhlen, M., *On the Origin of Language: studies in linguistic taxonomy*. Stanford: Stanford University Press. P. 111-126.
- Salzano, Francisco M. *et al.* 2005. Genetic Support for Proposed Patterns of Relationship among Lowland South American Languages. *Current Anthropology*, 46, S121-129. (suppl.).
- Tamm, E.; Kivisild, T.; Reidla, M.; Metspalu, M.; Smith, D.G.; *et al.* 2007. Beringian Standstill and Spread of Native American Founders. *PLoS ONE* 2(9): e829.
- Watanabe, S.; Ayta, W.E.R.; Etcheverne, C.A.; Ccallata, H.S.J.; Gennari, R.F. 2008. Peopling Brazil took place much earlier than in North America? *FUMDHAMentos*, 7: 182-190. São Raimundo Nonato (PI): FMHA.